A PERSPECTIVA DE PESQUISADORES SURDOS SOBRE A SURDEZ

Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva – UNICAMP*

Shirley Vilhalva – UFMS**

RESUMO: O objetivo deste trabalho é trazer a visão da surdez, a partir de discursos de pesquisadores surdos, e é baseado na pesquisa de mestrado de Santos-Silva, que foi realizada na Faculdade de Educação da Unicamp e fundamentada especificamente em vários teóricos surdos. A pesquisa traz alguns conceitos que buscam romper com o paradigma que aponta a surdez como algo patológico. Os apontamentos dos pesquisadores surdos suscitam relevantes reflexões que contribuem com desconstruções de conceitos enraizados há anos, e assim, permitem que novas considerações surjam. Estes pesquisadores defendem a singularidade linguística como uma diferença e não deficiência. Refletir sobre a surdez à partir da ótica da epistemologia clínica, sem associá-la a pessoa surda, seu modo de vida, sua cultura e identidade, fortalece o estereótipo de que este indivíduo tem alguma doença que deva ser curada, o que não condiz com o que os surdos defendem! Os autores que embasaram a pesquisa oferecerem subsídios, principalmente para área da educação e à toda sociedade para que não mais associe a pessoa surda à uma incapacidade, a uma deficiência. Em nossa sociedade é muito comum encontrarmos pessoas ouvintes com o paradigma de que os surdos apresentam algum tipo de deficiência e, portanto, não possuem aptidão para aprender de forma efetiva. Entretanto, na área acadêmica encontramos um significativo número de pesquisadores surdos que comprovam através de suas pesquisas, que esse rótulo associado aos surdos não condiz com a realidade, uma vez que, o que se comprova que existe, é uma diferença linguística.

ABSTRACT: The objective of this work is to present the vision of deafness, based on the speeches of deaf researchers, and based on the master's research by Santos-Silva, which was carried out at the Faculty of Education at Unicamp and based specifically on several theoretical deaf people. The research brings some concepts that seek to break with the paradigm that point to deafness as something pathological. The notes of deaf researchers raise relevant reflections that contribute to the deconstruction of concepts rooted for years, and thus, allow new considerations to emerge. These researchers defend a linguistic uniqueness as a difference and not a deficiency. Reflecting on deafness from the perspective of clinical epistemology, without associating it with the deaf person, their way of life, their culture and identity, strengthens the stereotype that this individual has some disease that must be cured, which is not consistent with what the deaf stand for! The authors who supported the research offer subsidies, mainly for the area of education and for the whole society, so that the deaf person is no longer associated with incapacity, a disability. In our society, it is very common to find hearing people with the paradigm that deaf people have some kind of disability and, therefore, do not have the ability to learn effectively. However, in the academic area, a significant number of researchers have been found who prove through their research that this label associated with the deaf is not consistent with reality, since what is proven to exist is a linguistic difference.

PALAVRAS-CHAVES: Educação de surdos, surdez, identidade.

KEYWORDS: Deaf education, deafness, identity.

INTRODUÇÃO

Santos-Silva, através de sua pesquisa de mestrado com o tema: PRODUÇÃO ACADÊMICA (ON LINE) DE PESQUISADORAS PÓS-DOCTORAS SURDAS NO BRASIL: TEMAS EM DEBATE, realizada na faculdade de Educação da Unicamp em

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

Dossiê: Educação, infância, diversidade e ensino de língua em contexto complexo.

2019, conseguiu identificar a perspectiva dos pesquisadores surdos e produtores de conhecimento em relação à surdez, interessante destacar que estes pesquisadores apresentam sobre esse tema um novo conceito, pois associam a condição de ser surdo à uma questão de identidade, a uma diferença linguística, já que, o que os difere dos ouvintes é a forma pela qual os surdos se comunicam, que é através da Libras, uma língua reconhecida nacionalmente; muito diferente do conceito que uma grande parte da sociedade tem, quando associa a surdez aos discursos clínicos, tendo como premissa a busca pela normalização, pela cura dessa suposta patologia.

A partir desse contexto, torna-se relevante apresentar o conceito de pessoa surda que de acordo com o Decreto 5.626/05 que regulamenta a Lei nº 10.436/02: considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura, principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais (BRASIL, 2005, p.1).

Cabe destacar que esse conceito emergiu no Brasil por volta do ano 2000, sendo uma construção social, decorrente de um contexto específico. Desta forma, torna-se imprescindível considerar como a surdez vem sendo vista ao longo do tempo, refletindo a respeito de como os discursos sobre esta, estão sendo produzidos e quem os produz.

Em consonância com o Ministério da Educação e Cultura – (MEC, 2006, p. 19), no manual de Educação Infantil: Saberes e práticas da inclusão, dificuldades de comunicação e sinalização, a Surdez “consiste na perda maior ou menor da percepção normal dos sons”. De acordo com o manual é possível constatar que existem vários tipos de pessoas com surdez, relacionadas aos vários graus de perda da audição. Segundo este documento em relação à área da saúde e, também pela área educacional, o indivíduo com surdez pode ser considerado, “parcialmente surdo” – com deficiência auditiva – DA, aqui são contemplados a pessoa com surdez leve e com surdez moderada; “surdo” que são as pessoas com surdez severa e profunda (MEC, 2006, p. 19-20).

No entanto, é importante esclarecer que os conceitos que são imputados às palavras: surdo e surdez, não têm o mesmo significado, tendo em vista que **não são sinônimos**. O conceito de surdo, como já foi visto, está relacionado ao conceito de identidade, diferentemente da surdez que é vista, como uma “qualidade patológica” (GARCIA, 2015, p.52). De acordo com esse autor:

Surdo é enunciado como indicativo de povo que se agrupa em função de similaridades coletivizadas: comportamento, necessidades, linguagem, espaços e lugares próprios e especializados para sua permanência momentânea ou para a sua circulação. Como se costuma ler em discursos politicamente estruturados, por meio deste modelo de organização é possível certo “empoderamento” do direito e do espaço que cabe às pessoas surdas: comunidades nas redes sociais, escolas, etc. Essa característica do atual significado atribuído à palavra “surdo” soa como resultado de lutas e buscas pretendidas pelos surdos ao longo do século XX. [...] (GARCIA, 2015, p. 53).

Os pesquisadores surdos, Perlin e Miranda, explicitam em um dos seus artigos que há uma diferença em relação ao conceito de ser surdo; os autores o concebem como:

[...] como um conceito fluido onde a epistemologia esgota o conhecimento presente na essencialidade da comunidade surda (sem esquecer hibridismos) e não mais o conceito da deficiência, da clinicalização, da cura, da incapacidade... não mais o conceito de ser surdo falante ou não falante, mas exclusivamente que pode utilizar-se da fala ou da língua portuguesa para intermediar o intercâmbio cultural (PERLIN e MIRANDA, 2003, p. 218).

Ambos os pesquisadores identificam o conceito de ser surdo, muito longe da concepção que os define como deficiente, como fora do padrão de anormalidade; exortando-nos a identificar que a diferença linguística é pautada pela sua experiência de vida, de identidade, de cultura, a qual acontece por meio da representação visual. Os autores colaboram para que a partir desta perspectiva o surdo possa ser concebido, aceito como pertencente a uma minoria linguística.

Santos-Silva (2019) identificou a partir da sua pesquisa de mestrado, que a pessoa surda apresenta uma particularidade linguística, já que, esta percebe o mundo através da visão e se comunica através de suas mãos, diferente das pessoas ouvintes que se utilizam da língua oral-auditiva para interagir. A autora, analisando as produções acadêmicas das surdas pós-doutoras e de outros pesquisadores também surdos, constatou que, para estes, o que os diferencia das pessoas que ouvem é a forma como se expressam, já que, usam a língua de sinais para se comunicarem. Com a pesquisa ficou evidente que, para os surdos pesquisadores, o discurso a respeito da surdez tem outro sentido, tendo em vista que estes distinguem ostensivamente a singularidade que há na comunicação, como diferença linguística, muito distante do conceito de deficiência que a maioria dos ouvintes a eles atribui.

Santos-Silva esclarece que:

Os discursos que nos remetem a pensar a surdez a relacionando à questão médica datam da segunda metade do século passado, mantendo-se até os dias atuais, evidenciando a abordagem clínico-terapêutica que reforça, no decorrer da história, a visão de que a surdez está relacionada à patologia, necessitando, portanto, de reabilitação ou normalização, negando ao surdo o direito à diferença e atribuindo a ele a deficiência (SANTOS-SILVA, 2019, p.31).

A pesquisa evidencia o clamor dos discursos dos surdos pesquisadores, Perlin e Miranda (2003), que chamam a atenção da sociedade quando trazem questionamento à respeito do que é ser surdo, para estes o significado de ser surdo, se difere explicitamente do conceito de deficiente, como fora do protótipo esperado, uma vez que, a diferença sendo apenas linguística, extrapola o conceito de anormalidade, já que, o que o diferencia é sua experiência de vida, que é fundamentada pela representação visual, que se manifesta pela utilização da língua de sinais, da maneira diferente de ser, “de se expressar, de agir no mundo, nas artes, no conhecimento científico e acadêmico” que tem como resultado a

manifestação da cultura surda que compreende a língua de sinais, os costumes, crenças e os hábitos do povo surdo¹.

Buscando, através da perspectiva surda, refletir sobre a surdez, fica evidente que os surdos necessitam que haja uma mudança do conceito de deficiência que a eles é atribuído. Para ficar mais claro, Vilhalva, a segunda autora e também pesquisadora surda, elaborou um quadro comparativo entre surdez e surdo, distinguindo-os significativamente:

Quadro 1. Surdez X Surdo

Sobre SURDEZ você precisa estudar:	Sobre SURDO você precisa estudar:
<ol style="list-style-type: none">1. Orelhas;2. Audiometria;3. Impedanciometria;4. ASSI - Aparelho de Amplificação Sonora Individual;5. IC - Implante Coclear;6. Educação Auditiva e seus procedimentos;7. Treinamento Fonoarticulatório sistematicamente mínimo - 5 anos sem interrupção, e8. Tecnologia e Audição.	<ol style="list-style-type: none">1. Povo Surdo;2. Língua de Sinais;3. Cultura Surda;4. Identidade Surda;5. Identidade linguística;6. Movimento Surdo;7. Educação Bilíngue;8. Metodologia de Ensino de Língua de Sinais como L1;9. Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa como L2;10. Escrita da Língua de Sinais;11. Tecnologia e Materiais em Língua de Sinais;12. Bilinguismo para Surdo;13. Português para Surdo;14. Literatura Surda;15. Artes Visuais e Artes Surdas;16. Política Linguística e a Língua de Sinais;17. História sobre Surdos;18. História da Língua de Sinais;19. História da Educação do Surdo no Mundo e no Brasil;20. Artefatos linguísticos;21. Cultura surda na diversidade linguística;22. Língua de Sinais na área etno educacionais;23. Língua de Sinais nas terras indígenas;

¹ “[...] povo surdo é um grupo de sujeitos surdos que usam a mesma língua, que têm costumes, história, tradições comuns e interesse semelhantes [...]” (STROBEL, 2013, p. 37.) Cabe destacar que este conceito de povo surdo, é de autoria de Strobel que também é pesquisadora surda.

	<p>24. Tradutores Intérpretes da Língua de Sinais - surdos e ouvintes; 24. Família Bilíngue e Amigos de Surdo - Estudos Sociais em movimento surdo; 25. CODAS e Familiares Surdos; 26. Pais Ouvintes e Filhos Surdos; 27. Escola Bilíngue Língua de Sinais como Língua de Instrução para surdos e ouvintes; 28. Crianças Surdas e a Língua de Sinais; 29. Crianças Surdocegas e sua educação específica; 30. Surdos com outras deficiências e a Língua de Sinais; 31. Surdo com Alta Habilidade; 32. Surdos e as áreas disciplinares na educação a distancia; 33. Currículo para Disciplina de Língua de Sinais; 34. Língua de Sinais e as legislações na Política Pública e Linguística; 35. Vida Social e Desportiva no Movimento Surdo; 36. Profissionais Surdos: Acesso, Permanência e Conclusão em sua formação universitária; 37. Surdos Moradores de Rua e a Língua de Sinais; 38. Surdos do Movimento Sem Terra e a Língua de Sinais; 39. Surdos Ciganos e a Língua de Sinais; 40. Outras coisinhas a mais que não me lembro no momento.</p>
<p>Estude certo e divulgue o certo. Sou SURDA, um ser humano e me estude o que realmente necessito. Não sou SURDEZ, uma ORELHA, por favor, não me misture em seus estudos. É isso!!!</p> <p style="text-align: right;">SHIRLEY VILHALVA</p>	

Fonte: VILHALVA, S. e SANTOS-SILVA, 2018, p. 265 e 267.

É relevante destacar que nenhum dos conceitos apresentados por Vilhalva, associa a surdez a uma patologia. Muito pelo contrário, esta nos leva a pensar sobre os importantes temas apontados, que podem facilitar a conscientização da grande maioria da sociedade,

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p

Dossiê: **Educação, infância, diversidade e ensino de língua em contexto complexo.**

para que não mais associem a surdez a uma anomalia, e possam ter uma nova visão a respeito da identidade surda, quebrando preconceitos e despatologizando os discursos sobre a surdez.

Muito importante trazer para a reflexão, os apontamentos que os pesquisadores surdos trazem também sobre a Educação de Surdos, tendo em vista a grande diferença de aprendizagem que acontece entre uma criança surda e uma criança com deficiência auditiva – DA; enquanto a criança com DA, consegue estar na sala de aula comum, junto aos ouvintes, aprendendo pelo método oral auditivo, principalmente com o apoio de aparelhos auditivos, já com a criança surda o mesmo não acontece; tendo em vista que, esta aprende pelo método visual gestual e necessita de uma Educação Bilíngue.

De acordo com o pesquisador Capovilla, o trabalho a ser realizado com uma criança com deficiência auditiva – DA, é muito diferente, há de se pensar sobre como deve ser desenvolvido esse trabalho, segundo o autor, esse trabalho:

[...] consiste em fornecer inclusão no turno principal e atendimento educacional especializado no contraturno complementar, com atenção especial à aquisição de leitura e escrita por meio de métodos de ancoragem da escrita na audição residual e/ou memórias fonológicas [...] (CAPOVILLA 2011, p. 96).

Capovilla com seu trabalho enfatiza a distinção entre a criança surda e a deficiente auditiva, e conseqüentemente, evidencia a diferença na forma como essas crianças aprenderem e interagem com o mundo, sendo a Libras a base cognitiva da criança surda e “constitui a metalinguagem, o recurso cognitivo para adquirir a língua portuguesa que permitirá a criança alfabetizar-se” (CAPOVILLA, 2013).

Santos-Silva conseguiu identificar que, para os pesquisadores surdos a língua de sinais para a criança surda é fundamental para o seu desenvolvimento global; e de acordo com a autora o aluno surdo necessita da Educação Bilíngue e esta precisa de:

[...] uma Pedagogia Surda - Pedagogia da diferença, na qual o aluno tenha a Libras como língua de instrução – L1; a escrita da língua de sinais; a língua portuguesa como segunda língua – L2 escrita; o professor surdo como referência, o professor bilíngue na ausência do professor surdo; o currículo elaborado pelo professor surdo, com sua cultura inserida nele; uma metodologia visual/gestual; a tecnologia/computador/*softwares* como recursos; a presença do tradutor/intérprete de Libras; um ambiente linguístico onde os alunos surdos estejam entre seus pares para a garantia das trocas afetivas e efetivas; e o oferecimento de capacitação para os professores, sendo o Curso Letras Libras uma referência. (SANTOS-SILVA, 2019, p. 146)

Desta forma, torna-se relevante conceituar o que vem a ser Pedagogia Surda, pedagogia esta fundamentada na metodologia de ensino visual, que tem como base o ensino na língua de sinais e com a presença de professores surdos.

Vilhalva evidencia que o professor surdo quando trabalha com a Pedagogia Surda, necessita compreender que o aluno surdo traz de casa uma “bagagem”, portanto:

É necessário que oportunize um período de adaptação passando primeiramente pelo conhecimento que os alunos trazem de casa e a participação dos familiares será de grande valia. A referência pedagógica se constrói através da comunidade em que vive para aproximação gradativa das demais realidades, fazendo desenhos, teatro, modelagens e usando o exemplo do próprio Instrutor para fazer os primeiros textos na própria língua de sinais para depois na escrita (VILHALVA, 2004, p. 5).

Vale ressaltar que a Pedagogia Surda compreende uma metodologia de ensino voltada ao aluno surdo, baseada na perspectiva da Educação Bilíngue. E essa educação demanda um contexto específico, conforme é possível identificar, a partir do mapa conceitual elaborado por Santos-Silva, com sua pesquisa, mapa este que evidencia, por meio da perspectiva das pós-doutoras surdas pesquisadas: Gladis Perlin, Marianne Stumpf e Silvia Andreis-Witkoski, tudo o que é preciso para que a inclusão dos alunos surdos aconteça de forma efetiva e de qualidade.

O mapa em questão, produzido após uma análise minuciosa das produções das pós-doutoras citadas, tanto na área da educação quanto da linguística, demonstra uma rede que se forma a partir do entrelaçamento de sentidos e significados que, quando unidos evidenciam a educação apontada pelas pesquisadoras como ideal e necessária!

Destaca-se aqui a importância de se ressaltar que as pós-doutoras deixam explícito, em suas pesquisas, a necessidade de se repensar a Educação de Surdos, a partir das perspectivas dos surdos.

Depois de toda análise produzida sobre esta Educação de Surdos, foi possível perceber que, para que esta seja de qualidade, é necessário levar em consideração uma gama de significados que estão conectados entre si, e formam uma rede. Sendo que, essa rede necessita estar presente nas instituições escolares que possuam alunos surdos, para que a Educação Bilíngue seja implementada e aconteça de forma efetiva.

A seguir o mapa conceitual da Educação de Surdos:

- PERLIN
- STUMPF
- ANDREIS-WITKOSKI

Para conclusão deste artigo, as autoras acreditam que é evidente a necessidade de um novo olhar, a respeito da surdez, do surdo, com o intuito de que seja possível o rompimento com discursos clínicos, que associam surdez a uma deficiência. Esse novo olhar precisa conceber a Libras como alicerce para a Educação de Surdos, pautada na Educação Bilíngue, tão necessária ao desenvolvimento pleno da criança surda.

Outro ponto importante a ser considerado é repensar a Educação de Surdos a partir de suas perspectivas, de suas evidências e também de suas experiências de vida, que deixam

claro o papel fundamental que as instituições de ensino têm em fornecer um ambiente linguístico propício para a aprendizagem efetiva dos alunos surdos.

O pioneirismo do trabalho de Santos-Silva, autora ouvinte, **totalmente fundamentado em teóricos surdos**, oferece embasamento para novos pesquisadores, surdos e ouvintes, que queiram se respaldar nas teorias, dos trabalhos científicos analisados das pós-doutoras surdas para desenvolverem novas e importantes pesquisas que possam consolidar ainda mais as perspectivas dos surdos acadêmicos e produtores do conhecimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei N. 10.436 de 24 de abril de 2002**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>. Acesso em: 18 abr. 2018.

BRASIL. **Decreto N. 5626 de 22 de dezembro de 2005**. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.presidencia.gov.br/ccivil/_Ato2004-2006/2005/Decreto/D5626.htm. Acesso em: 18 abr. 2006.

BRASÍLIA. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. [4. ed.] / elaboração prof.^a Daisy Maria Collet de Araujo Lima – Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal... [et. al.]. – Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 89 p. il. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/surdez.pdf>> Acesso em: 09 jul. 2017.

CAPOVILLA. F. C. Sobre a falácia de tratar as crianças ouvintes como se fossem surdas, e as surdas, como se fossem ouvintes ou deficientes auditivas: pelo reconhecimento do status linguístico especial da população escolar surda. In: Sá, N. R. L. (Orgs.) de. **Surdos: qual escola?**. Manaus: Editora Valer e Edua, 2011.

_____. Vídeo: **Libras e Educação Bilíngue de Surdos**. 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=uVbzaA7fpJWE>. Acesso em: 19 mai. 2014.

GARCIA, E. C. **Os Surdos e a surdez**: contradições sobre o conceito – de que lado está a educação? Revista Fórum Bilíngue, Rio de Janeiro, INES, n° 32, jul-dez 2015, p. 51-74. Disponível em: <http://www.ines.gov.br/seer/index.php/forum-bilingue/article/view/45/54>. Acesso em 21 mar. 2017

PERLIN, G. T. T.; MIRANDA, W. Tendências – Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n° 5, p. 217 – 226, 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282/4249>>. Acesso em: 28/02/2017.

SANTOS-SILVA, M. L. F. dos. **Produção acadêmica (on line) de pesquisadoras pós-doutoras surdas no Brasil: temas em debate**. Campinas, SP. 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/333951>>. Acesso em 17/08/2020.

STROBEL, K. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da USFC, 2013.

VILHALVA, S; SANTOS-SILVA, M. L. F. Criança surda e sem língua constituída, não é permitido. In: Ziesmann, C. I; Perlin, G; Vilhalva, S; Lepke, Sonize. (Orgs.). **Famílias sem libras: até quando?**. Santa Maria: Editora e Gráfica Curso Caxias, 2018.

_____. **Pedagogia Surda**. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2004.

* Mirian Lourdes Ferreira dos Santos Silva - Professora Mestre em Educação – UNICAMP (2019). Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Pós graduação em Educação Especial e Inclusiva pela Faculdade Anhanguera de Valinhos (2014). Pós graduação pelo Centro Universitário Amparense (2007). Professora de Ensino Fundamental I com Especialização em Alfabetização da rede municipal de Valinhos - SP. britan@uol.com.br. <https://orcid.org/0000-0002-1277-3495>.

** Shirley Vilhalva - Doutoranda em Linguística aplicada – Dinter – UNICAMP/ UFMS (2019 – 2023 em andamento) Mestrado em Linguística – UFSC (2009). Professora Surda da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS. shivi323@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-8206-9401>